

# *A Psicologia E O S Movimentos Sociais: Um Olhar Através dos Trabalhos Comunitários*

## *The Psychology of Social Movements: a View Through Community Work*

Sílvia Regina Eulálio de Souza\*

### *Resumo*

A pesquisa visa à compreensão das razões que impelem e mantêm os atores sociais no trabalho comunitário. A população-alvo constitui-se de: alunos de Psicologia e lideranças populares. Embora diferentes assemelham-se, quanto à implicação sócio-política e afetiva, no desenvolvimento das atividades.

Analisaram-se as razões da permanência nos trabalhos em relação à construção do conhecimento, à consciência de cidadania e pelas relações fundadas na solidariedade. Constatou-se ser a autonomia a razão principal, pela liberdade de expressão e criação de processos autogestivos. . As metodologias da prática da Psicologia Social Comunitária e dos Movimentos Sociais possuem semelhanças e complementariedades. Confirma—se um espaço de atuação para o psicólogo por enriquecer a sua dimensão humana, socializar seus conhecimentos e favorecer o desabrochar das potencialidades dos excluídos.

### *Resumen*

El presente estudio está dirigido a investigar las razones que llevan a los actores a continuar trabajando en la comunidad. La población blanco estaba compuesta de estudiantes de Psicología y líderes populares. A pesar de las marcadas diferencias, estos 2 grupos eran similares en su involucramiento socio-político y afectivo durante el desarrollo de sus actividades.

Se analizaron las razones de permanencia en el trabajo, en relación a la construcción de conocimiento, la conciencia de ciudadanía, y las relaciones basadas en solidaridad. Se verificó el hecho de que la autonomía es la razón principal de la libertad de expresión y la creación de procesos de auto-control. Las metodologías de las prácticas psicológicas comunitarias, social y de los movimientos sociales presentan semejanzas y son complementarias. Se confirmó la necesidad de un espacio para la acción del psicólogo a medida que enriquece su dimensión humana estimulando de lleno sus potencialidades en aquellos excluidos socialmente.

---

\* Pontifícia Universidade Católica de M.G Belo Horizonte. Brasil  
e-mail: silviare@pucminas.br

### *Abstract*

The present research aims at investigating the reasons that impel and keep actors in community work. The target population is composed of Psychology students and popular leaders. Though marked by differences, these two groups are similar in their socio-political and affective involvement during the development of their activities.

The reasons for the permanence in work in relation to the construction of knowledge, the consciousness of citizenship and for the relations based upon solidarity were analysed.

It was verified that autonomy is the main reason, for the freedom of expression and the creation of self-managing processes.. Methodologies of the Communitary Social Psychology practice and of Social Movements present similarities and are complementary.

A space for psychologist's to action was confirmed as it enriches his (her) human dimension, socializes his knowledge and fosters the full bloom of potentialities in those not socially inclusion.

O presente artigo refere-se á pesquisa de mestrado defendida em 1997, na Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil, intitulada “ A Psicologia e os Movimentos Sociais: Um Olhar através dos Trabalhos Comunitários” e foi apresentada no XXVII Congresso Interamericano de Psicologia, em Caracas, 1999. O texto mantém a estruturação do pensamento usada na introdução e nas considerações finais da mesma. A finalidade é apresentar ao leitor as principais idéias de acordo com a sua produção original e, se incentivado, espera-se que aproxime do texto para um maior aprofundamento, provocando o debate cabível. Assim a pesquisa poderá vir a cumprir seus objetivos últimos que são: a apresentação de uma produção de conhecimento ‘a sociedade; a análise crítica de sua ressonância; a abertura para novas pesquisas na área e, enfim, que os seus resultados façam eco para se alcançar mudanças sociais tão prementes nos diversos espaços do cotidiano.

### *Idéias Introdutórias*

Essa pesquisa reflete sobre uma prática da Psicologia numa comunidade popular. Parte-se da investigação das representações sociais do trabalho comunitário, a fim de elucidar o pensamento e a linguagem de um grupo de autores e de atores que escrevem e falam sobre o tema. Pelas informações pretende-se conhecer as similaridades, as diferenças e os sentimentos compartilhados conseqüentes de um pensar e de um fazer que se complementam.

Reconhecendo a diversidade própria no interior dos grupos e a tendência à homogeneização que apresentam por se unirem em função de uma causa, a pesqui-

sa procurou centrar sua atenção nos ideais e objetivos de dois grupos que, embora diferentes na sua constituição e aparência, organizaram-se em torno de um trabalho comunitário. Para tal procurou escutar individualmente os participantes abordando aspectos objetivos e subjetivos inerentes à atividade desenvolvida.

Assim, por entender que apresentam singularidades e por considerar que a subjetividade é produzida, ao mesmo tempo, por determinações exteriores e interiores, fez-se a escolha pelas representações sociais da prática em questão. O interesse é desvelar um sentido que os indivíduos podem sempre produzir por si mesmos. Não basta refletir apenas o

que os indivíduos pensam, é preciso concebê-los como senhores do seu pensamento e da ação. Acredita-se, pois, que a investigação sobre a atividade poderia revelar as razões que movem os atores sociais a realizar um trabalho que se pauta na gratuidade e, ainda, o que caracteriza esses trabalhos através da imagem e do significado que as representações sociais transmitem.

As indagações surgem por estranhar que diante de um capitalismo avassalador, marcado pelo consumismo, pelo individualismo, etc. que atravessa a conjuntura atual, há algumas pessoas lutando por alternativas que as conduzam a um estar na sociedade de uma forma diferenciada. Observa-se uma tentativa de integração do ser humano com a natureza, sendo feita através de um processo em que se interioriza a qualidade do meio ambiente e a interação entre os grupos humanos. Lutam assim por uma melhoria na qualidade de vida, partindo das experiências no seu próprio cotidiano através de um trabalho que procura fugir das regras do capitalismo e fundamentar-se no processo de interação social.<sup>1</sup>

Vive-se uma época marcada pela derrocada dos ideais, pela ausência de grandes utopias, mas emergem pequenas minorias caracterizadas por uma certa exclusão social,

que ainda procura nortear-se pelas relações comunitárias.<sup>2</sup> As minorias identificadas por uma dada carência, que ultrapassa os limites do particular ou do privado e passa a ser percebida como uma falta coletiva ou da esfera pública, tentam movimentar-se em direção a um ideal.

Na crença de que uma orientação calcada na ética da solidariedade pode, em algumas situações, vir a substituir a ética capitalista, é que a luta pelas mudanças sociais vêm manifestando-se. Os movimentos sociais, na atualidade, apresentam assim alguns pilares de sustentação que podem ser nomeados como: a luta por mais justiça social, mais solidariedade<sup>3</sup> e mais autonomia para aqueles que reivindicam uma sobrevivência digna. Os participantes dos movimentos constituem-se assim de uma minoria ativa que procura resolver questões próprias da localidade onde residem, dada a inexistência de alguns direitos sociais. Surgem novas práticas de mobilização social que não se centram na produção nem nas lutas de classes, mas nas questões que tratam do meio ambiente, do gênero, da paz, dos direitos sociais, das questões raciais, de novas subjetividades, etc. E o discurso sobre os direitos sociais ou sobre a cidadania,<sup>4</sup> de uma construção meramente jurídica, expande para um ideal de justiça social.

---

1 A interação social enquanto espaço de interação é um conceito tratado em diversas áreas do conhecimento como a Sociologia, Linguística, Antropologia. No campo da Psicologia o tema é presente desde o início do século. Autores como G. H. Mead, M. Sherif, Jean Piaget, Wallon, Erving Goffman e L. S. Vygotsk investigaram o papel das interações na construção da sociedade, do conhecimento, da linguagem, da afetividade e do desenvolvimento humano. (Goulart e Bregunci,1990).

2 As relações comunitárias pautam-se no respeito ao saber dos outros, no diálogo e na garantia de autonomia e auto-gestão para conseguir uma sociedade democrática, participativa e igualitária. (Guareschi,1996).

3 A idéia sobre solidariedade é reavaliada a partir de uma aposta na ternura, na atualidade. Ver Mejia (1996).

4 O conceito de cidadania abrange várias dimensões. A mais geral diz respeito àquela que regula os direitos e os deveres dos indivíduos (cidadania individual) e de grupos (cidadania coletiva) na sociedade. Os princípios da liberdade e da igualdade sempre foram centrais, quer na individual quanto na coletiva. A cidadania individual pressupõe a liberdade e a autonomia dos indivíduos num sistema de mercado, através do voto e da auto-realização de suas potencialidades. O Estado é o mediador na sociedade para repor o lugar dos indivíduos no conjunto social. Na cidadania individual o que se destaca é a luta pelos direitos civis e políticos.

Na cidadania coletiva destaca-se uma dimensão civil, e uma sócio-cultural. A cívica remete às origens clássicas da pólis grega, em que os cidadãos exercitam virtudes cívicas e têm na comunidade local a sua referência imediata. A segunda, remete à contemporaneidade, tratando da busca de leis e direitos do ponto de vista econômico e do cultural. ( Gohn, 1995)

A participação de professores e alunos de Psicologia numa prestação de um serviço através de um estágio acadêmico, num bairro de características populares, que se formou como resultado de lutas oriundas dos movimentos sociais, traz desafios e suscita questões que merecem ser refletidas e sistematizadas. A pesquisa justifica-se, pois, para a produção de um conhecimento como retorno para a universidade e para seus usuários. Por ela se poderá traçar novas diretrizes e reformulações de alguns pressupostos que norteiam a experiência analisada. Esse trabalho é ainda uma tentativa de articular o ensino, a pesquisa e a extensão, numa universidade que não se preocupa apenas com a formação de seus alunos como técnicos, mas com a sua formação humana e com alunos-cidadãos.

Os subsídios teóricos originaram-se da Psicologia Social, da Educação Popular e da Sociologia da Ação para a leitura da realidade. As temáticas das representações sociais, da educação popular e dos movimentos sociais foram privilegiadas por apontarem caminhos para a compreensão das transformações pessoais e sociais, através de uma análise dialética dos acontecimentos. Há, contudo, de se reconstruir o sentido de transformação. Ela necessita ser reinventada na sociedade atual, pois distancia-se dos modelos de duas décadas passadas, quando usada com objetivos distintos e em contextualizações específicas.

A estruturação da pesquisa consta de três partes assim definidas: a primeira procura descrever os cenários das comunidades popular e acadêmica de onde surgem os atores; a segunda apresenta os autores que ajudam a pensar teoricamente as questões apresentadas; e a terceira parte descreve o trabalho de campo realizado para desvelar as representações sociais do trabalho comunitário.

A metodologia utilizada é do tipo qualitativo e os dados foram tratados pela análise de conteúdos. A população-alvo é constituída por um grupo de alunos de Psicologia e por um grupo de lideranças populares. As categorias que nortearam a pesquisa foram o conhecimento sobre o trabalho comunitário, as razões determinantes que os mobilizaram para o fim e uma avaliação crítica das instituições atravessadoras no cotidiano em análise. Na investigação desses aspectos esteve permeado todo o tempo qual era a dimensão mais relevante nesses trabalhos comunitários, ou que melhor traduzisse a presença constante de seus atores: a construção de um conhecimento, a consciência da cidadania ou a busca da solidariedade?

Por último, passou-se às considerações finais que, a princípio, visam a estabelecer algumas conclusões. No trabalho específico empenhou-se, mais, em não se fazer contundente para que se abrissem mais questões.

A pesquisa enfatizou vários autores e atores por tratar-se de um cotidiano pleno de contradições, de histórias, de incertezas, de novidades, de diferenças e de semelhanças. Restringí-la seria perder o movimento das interações que resulta em inúmeras construções ocorrendo, no momento, do ponto de vista teórico e prático.

Ao considerarmos a existência de uma sociedade pensante composta por universos consensuais e reificados, aqueles que possuem um saber podem criar teorias. A expectativa é que essa pesquisa catalise o estudioso interessado para novas contribuições na área. Fez-se a opção pela prioridade do processo, apresentando informações e formas diversas para expressá-las. Quanto ao produto, será apresentado ao longo da pesquisa, mas fica a lembrança de que as palavras apenas "representam".

## ***Alcance das Conclusões***

A pesquisa sobre as representações sociais do trabalho comunitário reafirma o que a literatura atual traz sobre os movimentos sociais com relação aos atores sociais. São sujeitos emergentes se fazendo nas lutas, nos espaços das relações cotidianas no local onde residem, valorizando a cultura em substituição à importância dada à noção de poder como elemento fundamental de transformação social. As alternativas apontadas para a superação de conflitos tanto cotidianos quanto às que implicam em mudanças relativas a questões sociais mais amplas, passam a ser discutidas nas teias de sociabilidade que lhes são mais próximas.

Em ambos os grupos estudados comprovou-se o espaço dos trabalhos comunitários como local de construção de identidades individuais e coletivas. Evidencia-se uma possibilidade de desenvolvimento da auto-estima por se sentirem possuidores de um saber e um poder, resgatados pelo nível de participação e de decisão que são conquistados. Trabalhar a noção de cidadania passa inevitavelmente pela necessidade anterior das pessoas se conscientizarem do direito à vez e voz. O exercício dos trabalhos comunitários conduz à liberdade de expressão e este valor foi intensivamente demarcado pelos atores sociais dessa pesquisa.

Outro aspecto ressaltado por vários atores é a construção do conhecimento advindo do processo interativo entre pessoas com saberes tão diversificados. Observa-se que a manutenção da presença nos trabalhos comunitários acontece em função de múltiplos interesses. Uma ampliação da visão de mundo, uma maior dimensão da pessoa humana, maior consciência dos direitos e deveres do cidadão, novas representações sociais, enfim, há uma devida importância para o prestígio pessoal e social, relatado por atores de ambos os grupos.

Confirma-se assim que essa face pública dos trabalhos comunitários sobrepõe-se à face oculta. Lugar este dos dissabores, contradições, ciúmes, etc., muitas vezes submersos nos discursos, sendo revelados numa forma que transparece como cansaço ou desgaste físico, distanciamento das relações familiares, ou outros, em função da sobrecarga dos trabalhos. São situações que exprimem nas entrelinhas um certo distanciamento, mas que se apresentam também com a função de impedir a evidência dos aspectos negativos dos trabalhos comunitários.

As diferentes atividades do trabalho comunitário desenvolvido por esses atores são uma das imagens escolhidas para representar essa construção coletiva de alunos de Psicologia da PUC-MG e dos moradores da Cabana, ao compartilharem uma história de desejos, de lutas e de alternativas para as demandas surgidas nesse espaço social privilegiado.

Muitos são os trabalhos dos alunos de Psicologia dos quais os atores sociais foram protagonistas, e configuram-se em algumas frentes específicas, tais como: grupo psicopedagógico com monitoras de creches e centros comunitários, grupo de crianças e adolescentes, grupo de mulheres, grupo de pais, acompanhamento terapêutico aos usuários de saúde mental, oficina de geração de renda dos usuários, assessoria à coordenação do CISC - (Centro Integrado de Saúde Comunitária da Cabana do Pai Tomás), assessoria à montagem e funcionamento de creche, formação de professores da rede pública, pesquisa etnográfica e grupo com idosos, e outros, surgidos posteriormente e criados por novos alunos e novos agentes comunitários.

Todos eles constituem-se em essência pela discussão e reflexão de temas de interesse e pela utilização das mais diversas formas de expressão. O objetivo é oportunizar a toma-

da de consciência das questões que os afligem. Consideram-se as determinações sociais e as da ordem do inconsciente, em prol da libertação de situações opressoras, que os participantes ainda não conseguiam nomear. Dificuldades que, a princípio, são postas como problemas individuais, e, a partir dos processos de interação grupal, passam a ser compartilhadas, transformadas e refletidas como dificuldades da esfera coletiva. As soluções são buscadas a partir das práticas sociais, beneficiando não apenas o indivíduo, mas a todos aqueles que conseguiram se reconhecer como membros do grupo, contribuindo para a sua existência. Encontra-se aí o núcleo central da representação social do trabalho comunitário, que é o investimento em uma atividade que vai se ampliando e trazendo como retorno respostas com benefícios multiplicadores, não só a favor das pessoas, individualmente, como para a sociedade.

Na natureza, às vezes, o fruto se precipita na própria flor, por contingências ambientais. Na vida social, a emergência dos fatos antecede a formação acadêmica e os alunos se vêem diante de situações inusitadas, num campo virgem, para atuarem. É essa a Psicologia fora das quatro paredes. Uma Psicologia que necessita conviver com o ambiente nas suas mais diversas composições. Nele se encontram os sem família, os sem-escola, os sem-saúde, os sem-emprego, os sem relações-sociais, os sem-parceiros afetivos, os sem-direito, os sem-voz, os sem-futuro, os sem-terra. Mas que nem por isso deixam de ser com-sonho, com-ilusões, com-utopias, com-garra, com-prazer, com- conflitos, com-desejos e os com-sabedoria para mostrar-nos que “tudo que

se planta, se colhe”. Destacam-se entre eles os aqui denominados “lideranças populares”, que se escolhidos como atores desta pesquisa, é pela condição de porta-vozes dos primeiros. Em algum momento se identificaram pelas situações difíceis na história de vida e, hoje, lutam na conquista de melhor acesso social para os demais.

A dispersividade do ambiente dificulta a formação dos trabalhos, mas a história dessa comunidade mostra que é “nas lutas que se decidem as batalhas”. Assim, nas sucessivas reuniões de que se necessita para o alcance de um consenso gerado na diversidade, despontam alternativas para situações ainda não sistematizadas no universo científico. Mediante as potencialidades, a criatividade, a audácia de cada um para as invenções, o enfrentamento dos conflitos, a inconstância das presenças por tratar-se de um trabalho voluntário, é que este conjunto de atores traz suas contribuições para a Psicologia Social Comunitária, no seio dos movimentos sociais.

Na tentativa de conhecer o sentimento compartilhado decorrente dos grupos analisados, algumas idéias são extraídas desse estudo. Está presente, tanto no grupo das lideranças populares quanto no grupo dos alunos de Psicologia, uma representação social de que os trabalhos comunitários são como os rizomas<sup>5</sup> - estão enraizados e possuem raízes subterrâneas e aéreas difíceis de serem capturadas, dado o seu alastramento. Assim esses trabalhos em ambos os grupos possuem o tempo de existência real, perduram enquanto se fizerem necessários. São, portanto, transparentes, brotam sempre ao acaso e confrontam com os afazeres fantasmas, tão comuns nas organizações.

---

5 O termo rizoma foi tomado de empréstimo na botânica e é encontrado nas obras de Deleuze e Guattari. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980. p.9-37. Em Guattari/Rolnik (1996:322): “Rizoma, rizomático: os diagramas arborescentes procedem por hierarquias sucessivas, a partir de um ponto central em relação ao qual remonta cada elemento local. Os sistemas em rizoma ou “em treliça”, ao contrário, podem derivar infinitamente, estabelecer conexões transversais sem que se possa centrá-los ou cercá-los.

Tal imprevisibilidade traz aproximações com o mundo das paixões, tão presentes no discurso dos atores. E a Psicologia, que tem na sua essência lidar com as pulsões de vida e de morte, encontra aí o seu espaço de atuação e contribuição. Sabe-se que na literatura há uma representação social de que a Sociologia foi sempre considerada musculosa, e a Psicologia, ingênua no trato da análise social.<sup>6</sup> A pesquisa não nega tais afirmações, mas acrescenta que há formas possíveis de fazerem surgir novas representações. A partir do momento em que a pessoa consegue compreender a sua própria estranheza e conviver com a incerteza, com a própria impotência, pela cisão básica da constituição do psiquismo, as relações com os outros deixam de ser tão ameaçadoras pela estranheza que o outro traz. Nesse sentido, torna-se possível entender que a relação entre os homens não necessita fundar-se apenas na exploração e dominação.

A oportunidade de reflexão criada por esses encontros participativos, como fundamental na prática da Psicologia e na prática dos trabalhos comunitários, conduz as pessoas à possibilidade de sublimação das pulsões e, conseqüentemente, ao investimento na cultura. Assim o “trabalho” passa a ser encarado da sua dimensão opressora para a dimensão transformadora. Reside aí uma das razões que ambos os grupos encontram para explicar o seu interesse, a liberdade, a criação, o desabrochar das potencialidades que os trabalhos comunitários produzem, conduzindo à autonomia.

No que tange à análise feita sobre as instituições que interpenetram os trabalhos, os atores de ambos os grupos demonstram ter consciência sobre a ideologização que subjaz em cada uma delas e qual a

contribuição que concerne a cada uma em particular. Há de se ressaltar a influência da religião católica no grupo das lideranças populares, através da Teologia da Libertação. Constatou-se que foi a religião que pôde levar os diversos grupos a se darem conta da situação de dominação na qual eles vivem. Ela lhes permitiu tomar iniciativas, ter uma outra visão de mundo e conceber ações coletivas. A religião católica, através do movimento das comunidades eclesiais de base, assumiu o papel de desalienação, o que justifica um peso para ela em relação às outras instituições. Por outro lado, não existe fanatismo; e o perigo existe quando o religioso se transforma em seita, a ideologia dura impede o livre pensar e quando uma cultura se fecha e se fecham seus membros, então a reflexão desaparece e a perversão ou paranóia triunfam. A religião, a ideologia e a política da cidade são o fundamento mesmo da instauração de toda vida social, e a tentação totalitária está continuamente presente nos processos religiosos, ideológicos e nacionais. Assim o papel do intelectual e de todo agente comunitário é dar caça a esse desejo de homogeneização e de morte do pensamento, nos fenômenos sociais, nos seus interlocutores, antes de tudo, em si mesmo.

O espaço de interlocução criado pelos trabalhos permite que esse cotidiano venha se instalando e se constituindo como palco de representações para os sujeitos coletivos dos novos movimentos sociais. Conforme Sader(1991) “quando novos personagens entraram em cena”, novas mudanças vêm ocorrendo, tendo a busca da autonomia, a da solidariedade e a da cidadania como os pilares de sustentação dos movimentos sociais.

Estas três palavras - autonomia, solidariedade e cidadania - permeiam

<sup>6</sup> Ver GEERTZ, C. “A ideologia como sistema cultural. In: *A Interpretação das Culturas*”. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 163-205.

algumas práticas na história da Psicologia, algo que a traduz. São pois representações sociais da profissão, em algum espaço da Psicologia. Por elas seremos sempre cúmplices dos nossos sujeitos na conquista da sua liberdade, pelo reconhecimento dos seus direitos e deveres, através de uma relação social sustentada na solidariedade para uma troca construtiva. Responde-se, assim, o porquê da identidade da Psicologia com os Movimentos Sociais - uso da palavra, associações livres nas práticas reflexivas, espaços para a libertação, local de expressão dos desejos, conhecimento dos limites pelos direitos e deveres, assunção de posturas políticas, conhecimento da realidade pela interação social, lugar dos questionamentos, isenção de preconceitos, construção da identidade, enfim ambos buscam a transformação pessoal e/ou social.

Reafirmando o dito pelos alunos, a experiência comunitária nos mostra que a vida é complexa, mutante e os problemas se situam numa rede interinstitucional. Esse conhecimento da realidade é fundamental para qualquer profissional. A compartimentalização das diversas áreas do conhecimento só é possível no universo acadêmico, onde os objetos de estudo necessitam ser isolados, recortados, destriçados para uma adequada compreensão deles na realidade em que submergem. A disciplina e a relativa distância do objeto de estudo compõem o mundo científico. Contrasta assim com a vida nas comunidades populares, em que a baixa condição sócio-econômica e a conseqüente ausência de rotinas dos seus moradores não permitem uma separação dos problemas em lugares estanques para o estudo dos mesmos. Resulta daí um esforço extra-disciplinar para todo profissional, no sentido de encontrar soluções próprias no seu fazer para aquela realidade cultural.

Esse é um salto que, gradativamente, os alunos reconhecem como desafios, por exigir deles posturas que, a princípio, rompem com alguns paradigmas. Tais como: uma proximidade com o seu objeto de estudo fora dos espaços institucionalizados; encarar a não neutralidade com a devida crítica; usar das informações técnico-científicas e técnico-profissionais para a produção de um conhecimento transdisciplinar; aceitar seus limites enquanto aluno mas, não se esquivar diante do que lhes causa estranheza.

A imersão no universo popular exige rupturas com o universo social do profissional, que lhe fazem mesclar hábitos, valores, visão de mundo. O que não implica numa perda de identidade, mas acima de tudo saber posicionar-se de acordo com a sua especificidade, para contribuir com o conhecimento que a muitos falta e abrir-se para a aquisição de novos significados. Este vem sendo um exercício por muitos desejado, e os atores desta pesquisa, no ir e vir entre Universidade e Comunidade Popular, abrem caminhos ainda ensombreados no terreno da Psicologia.

A divisão social e técnica do trabalho que se produziu na sociedade capitalista determina um lugar privilegiado para os donos do capital. Intelectuais, profissionais, especialistas detentores do conhecimento da estrutura e processo da sociedade, incluindo aí saberes diversos, vêm, em geral, se colocando a serviço das entidades e das forças dominantes em nossa sociedade. Tornam-se próximos dos detentores da riqueza, do poder e do prestígio social. Com isso os povos - em sentido amplo, a sociedade civil sentem-se despossuída de um saber acumulado há anos, diante dos especialistas. Assim, o trabalho intelectual e o trabalho braçal estão distanciados, não pela competência



técnica necessária, mas pela condição social que gera contradições diversas.<sup>7</sup>

O conflito é reafirmado cada vez mais, não apenas entre as diferentes classes sociais, como também entre os iguais. É evidente também que nesse embate surgem rupturas que despontam com novidades. A aproximação com as classes subalternas contribui para assinalar o limite da nossa capacidade, quando o nosso pensar se restringe apenas ao grupo social do qual fazemos parte. Quebram-se lugares determinados, o que se pode inferir como um dos indicadores de que a parceria é um processo frutífero.

Não se nega que a vida nas comunidades populares possui um senso maior de coletividade do que em outros meios, mas, como lá é parte da mesma sociedade, a luta por alguma hegemonia sobre os semelhantes também é acirrada. Uma questão primordial é refletir que modelos o intelectual aí presente consegue elaborar para não estar cooperando para ativar mais a competição destrutiva, da qual participa. Alertar para tais questões é, além de tudo, conscientizar-se para a necessidade de construir alternativas para os desastres sociais, tão evidentes e presentes, como é a vida no outro lado das favelas, local esse onde residimos e transitamos.

No desenrolar da pesquisa, a parceria construída pelos dois grupos de atores sociais confirmou que a junção produz ganhos para ambos, ao romper com inúmeros preconceitos. Um dos destaques centra-se na confirmação da produção literária na área das Representações Sociais, sobre o quanto é fundamental o conhecimento do local de produção onde os discursos são engendrados, para a construção da linguagem e do

pensamento. Outro, é o aspecto político dessa parceria, abrindo caminhos para demonstrar que, com o exercício da voz, nos espaços democráticos, os “sem escola” e os “sem diploma” possuem a sua hegemonia.<sup>8</sup> Esse é um caminho para serem capazes de se fazerem valer nos vários espaços sociais. O encontro dos diferentes atores traduz a necessidade de complementaridade e a abertura para o surgimento das potencialidades.

A pesquisa demonstra que as indagações iniciais da pesquisadora, quanto ao grau de importância para os atores, sobre as principais razões de estarem imersos nos movimentos sociais, não se revela através da predominância de uma sobre a outra. Evidenciou-se que todas as categorias postas são fundamentais. A construção de um conhecimento, a ética da solidariedade, a consciência da cidadania estão permeando a subjetividade dos participantes, conforme as diferentes circunstâncias. Os resultados confirmam o que traz a literatura atual, que é a “autonomia” a palavra-chave nos novos movimentos sociais.

Outra categoria que as produções atuais da Psicologia Social Comunitária estão trazendo, juntamente com as dos Movimentos Sociais, muito presente nos atores desta pesquisa, é a dimensão do afeto e das emoções. As atividades são mediadas por estas e a consciência que brota da participação está em função das relações afetivas na interação com o outro. Tanto o impulso para entrarem nos movimentos, como para assumirem uma participação substantiva, não se reduzem a razões objetivas. Os homens entram nos processos históricos, sociais, determinados por forças desejanter, por vontades que eles não

7 O assunto é tratado por BAREMBLITT, G. *A análise institucional e outras correntes*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1992.

8 O conceito de hegemonia e contra-hegemonia é tratado por Gramsci que acredita num projeto possível de sociedade, reforçando as classes populares. Esse assunto encontra-se em GUARESCHI, P. A. “Ideologia: Conceitos e Relações”. In: *Sociologia da Prática Social*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 170-214.

controlam e não conhecem. Elas muitas vezes têm a ver com a dimensão afetiva, com o prazer, com o sofrimento, são mecanismos subjetivos. Dessa forma, os trabalhos correspondem ao grau de implicação de cada sujeito, não desconsiderando no entanto a complexidade social na qual estão circunscritos.

Que a criatividade implícita nos trabalhos comunitários seja o elemento catalisador para novas construções e que nunca se permita ser capturada pelas rotinas, pelos métodos, pelas racionalizações, pelos lucros dos trabalhos institucionais, que só nos aprisionam e nos distanciam cada vez mais da relação com os nossos semelhantes. A tecnologia veio para estar a serviço do homem e não para sucumbi-lo.

Questiona-se, contudo, se a institucionalização dessas práticas podariam no que elas têm de mais revolucionário. Os alunos acreditam que o Poder Público deveria acompanhar, reconhecer, valorizar e avaliar técnica e eticamente o trabalho como qualquer outra atividade profissional. Por outro lado, as lideranças populares alegam como é conflitiva a atuação nos órgãos públicos. Novamente fica o convite a pensar sobre as diferenças, no sentido de não fazer delas algo que paralise o nosso pensar, mas usar da criatividade para inventar novas formas no campo de atuação do psicólogo.

Reconhecendo que o sabor dos frutos não agrada igualmente a todos, fica o terreno arado para a disseminação de novas sementes, o enxerto de outras em substituição ao plantio dos eucaliptos. Lembrando Rubem Alves (1992), cada árvore é a revelação de um "habitat", cada uma delas tem cidadania num mundo específico. Assim os eucaliptos comparam-se ao mundo das organizações por crescerem depressa, por ficarem enfileirados e por estarem prontos para o corte. Já os jequitibás,

não se sabe quem plantou. São árvores que sentiram coisa que ninguém mais sentiu, são carregadas de mistérios, suas raízes alastram ao seu redor e elas permanecem por longos anos. São carregadas de sombras e mistérios. Mas possuem uma face, uma história a ser contada. Assim são os trabalhos comunitários nessa região.

### **Bibliografia Referências**

ALVES, RUBEM. O preparo do educador. In: BRANDÃO, C.R. (Org.) *O educador; vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p.13-28.

BAREMBLITT, G. F. *Compêndio da análise institucional e outras correntes*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.

BOMFIM, E.M. Psicologia comunitária no Brasil; reflexões históricas, teóricas e práticas. In: *Simpósio de Pesquisa E Intercâmbio Científico da Anpepp*, 3, Águas de São Pedro, 1990. Anais... Águas de São Pedro: ANPEPP, 1990. p. 411-413.

DURHAM, E. R. *Movimentos sociais; a construção da cidadania*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 10, p. 24-30, out. 1984.

ENRIQUEZ, EUGÈNE. *O papel do sujeito humano na dinâmica social*. In: MATA MACHADO, M. N. et al (Org.) *Psicosociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994.

EVERS, TILMAN. *A face oculta dos movimentos sociais*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n.4, p. 11-23, abr. 1984.

FILGUEIRAS, CRISTINA A. C. *L'enfeu des droits sociaux au Brésil; organisations populaires et politiques sociales*. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1992. (Tese, Doutorado)

FRAGOSO FILHO, CARLOS, SOUZA, SÍLVIA R. EULÁLIO, JESUS, DÉBORA M. *Educação alterna-*

tiva; da utopia à realidade. Belo Horizonte: Fumarc, 1993.

FREIRE, PAULO. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.65-85: Ação cultural e conscientização.

GEERTZ, CLIFFORD. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar 1978. p.163-205: A ideologia como sistema cultural.

GOHN, M.G. *História dos movimentos e lutas sociais; a construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Loyola, 1995. p.195-213: A construção da cidadania ao longo dos séculos.

GOULART, ÍRIS B., BREGUNCI, M. G. C. *Interacionismo simbólico: uma perspectiva psicossociológica*. Em Aberto, Brasília, v.9, n.48, p.51-67, out./dez.1990

GUARESCHI, PEDRINHO A. *Sociologia da prática social*. Petrópolis: Vozes, 1992. Cap.: Ideologia; conceito e relações.

GUARESCHI, PEDRINHO A. et al. *Relações comunitárias; relações de dominação*. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.) *Psicologia social comunitária; da soliedariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996. p.81-99.

GUATTARI, FÉLIX, ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

JOCHELOVITCH, SANDRA, GUARESCHI, PEDRINHO. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LANE, SILVIA T.M. et al. *Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil*. In: CAMPOS, R.H.F. (Org.) *Psicologia social comunitária; da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 17-34.

LIPOVETSKY, GILLES. *A era do vazio; ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.

MEJIA, M.R. *Transformação social*. São Paulo: Cortez, 1996.

MELUCCI, ALBERTO. *Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento; entrevista de Alberto Melucci a Leonardo Avritzer e Timo Lyyra*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n.40, p.152-166, nov. 1994.

MONTERO, MARITZA. *Conscientizacion, conversion y desideologizacion en el trabajo comunitario*. Boletim de la AVEPSO, v.1, n.14, p.3-11, 1991.

MOSCOVICI, SERGE. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, ROSISKA, OLIVEIRA, MÍGUEL D. *Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la*. In: BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SADER, EDER. *Quando novos personagens entraram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

SAWAIA, BADER B.A. *Consciência em construção no trabalho de construção da existência; uma análise psicossocial do processo da consciência de mulheres faveladas participantes de movimentos urbanos de reivindicação social e de um grupo de produção de artesanato*. São Paulo: PUC-SP, 1987. 319p. (Tese, Doutorado).

SPINK, M.J. (Org.) *O conhecimento no cotidiano; as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. Cap.: O estudo empírico das representações sociais.

TOURAINÉ, ALAIN. *Le retour de l'acteur*. Paris: Fayard, 1984. Cap.: De la société sociale.